

A CRIANÇA E A SOCIEDADE

INTRODUÇÃO

Este é um tochnit para machané de tzofim. São seis peulot- que se baseiam em vidas de crianças diferentes, cada uma - com suas características, vontades e preocupações diferentes mas no fundo todas crianças que numa hora de descanso gosta riam de brincar de esconde-esconde ou de ter sempre uma ou- tra criança do seu lado.

O objetivo do tochnit é de mostrar para o chanich outras realidades onde nascem e vivem crianças e mostrar como a so ciedade reflete na vida dela. Mostrar que todas elas têm as características básicas de crianças, como foi citado acima, mas que dependendo do meio em que viverão outras particu laridades; por exemplo, uma criança pobre no Brasil não é muito preocupada com a paz, como uma criança que nasce no Gueto de Varsóvia, mas em compensação é muito mais preocupa- do com a fome, se terá o que comer amanhã que qualquer cha- nich nosso.

Por termos de comparação, é importante o chanich abrir a cabeça e conhecer mais do que somente o mundo dele. É impor- tante fazer com que o chanich, nem que seja por uma hora du rante a peulá, se coloque no lugar de outras crianças e vi- va outras realidades.

É importante não deixar que o chanich sinta que só existem crianças que vivem pior que ele, e isto não é fácil. Aprovei- tar a peulá sobre crianças no Kibutz e mostrar que elas têm um contato com a natureza que o chanich não tem.

O importante é que o chanich conheça outras situações, e que cada uma tem suas vantagens e suas desvantagens. E é im- portante que elas sozinhas, possa analisar cada uma delas.

Para isto cada peulá do Tochnit contém um material anexo para pesquisa e aprofundização no assunto (o material anexo é para uso exclusivo do madrich que transmitirá ao chanich o que achar necessário) e uma metodologia como proposta.

Se o madrich achar que a peulá pode ser dada de outra maneira está poderá mudála. É só importante que a análise dos casos parta do chanich e seja concludida por ele.

O madrich deve induzir ao questionamento, mas não trazendo respoestas e nem julgando as respostas dos chanichim como certas ou erradas. O que pode ser necessário, é o madrich direcionar a certas conclusões. Por exemplo, na peulá da Africa do Sul é importante o modo com que o madrich vai focar o racismo.

Junto com este tochnit vem uma proposta de Seder Haiom ligada com a peulá do dia, pois julgamos a vivência de cada peulá um complemento muito importante para o sucesso do tochnit.

No mais, o tochnit espera ser um grande apoio ao madrich, mas sempre lembrando que o sucesso depende de você.

Beatzlochã

Vaadá Chinuch- Curitiba

Joujo - 1984

1ª PEULÁ

CRIANÇAS NO BRASIL

13 de Maio de 1981 às 10:18 da manhã três lindos bebês foram postos ao mundo cada um em um lugar bem diferente - do outro: Cláudio, Zé Maria e Timbo.

Vamos voltar um pouco o tempo e falar sobre cada um:...

Cláudio é filho de Cassiana e Flávio Guimarães. Eles já estão casados há 4 anos um casamento muito feliz, rodeado de muito respeito e principalmente amor. Flávio queria desde o começo um filho, mas Cassiana preferia esperar, principalmente por sua vida profissional. Mas após 4 anos, o casal se encontrando num período muito equilibrado e economicamente bem, pois Flávio trabalha de engenheiro numa grande construtora e Cassiana é uma decoradora de muito sucesso, os mesmos acharam ser esta a melhor hora para terem um filho. A gravidez correu muito bem e nada faltou a Cassiana, desde remédios, comida e até o enxoval do nenê. Os enjoos eram frequentes o que preocupou um pouco às vezes o casal, mas foi explicado pelo médico como algo muito normal. A barriga já era grande e a emoção de serem pais cada vez maior.

Enfim, chegou o grande dia, as pontadas começaram e Cassiana levada para um dos melhores hospitais de S. Paulo, onde teve seu filho Cláudio.

- Ele é normal Sr. Flávio. Nasceu com 3 kg. e sua mulher se encontra em ótimo estado. Parabéns - diz o médico ao Sr. Guimarães que se sente muito feliz.

- Ele se parece comigo? - pergunta o pai todo emocionado.

Bom, agora vamos à estória de Zé Maria. Filho de Zélia e Tito, o mesmo não apareceu numa hora tão desejada. Zélia já tem 7 filhos e Tito há seis meses a deixou, ninguém sabe direito para onde. Talvez para o braço de outra mulher ou talvez tentando achar a sorte grande por este Brasil afora.

Zélia mora num pequeno barraco de 1 só quarto com 5 filhos, (os outros já casaram) na favela do Vidigal. Zélia trabalhava numa fábrica de plástico, 8 horas por dia de pé. Mas nos últimos 3 dias de gravidez, ela começou a trabalhar de lavadeira pois a barriga já era grande e a impedia de trabalhar na fábrica. A vida de Zélia nunca foi fácil. Mulher muito forte, sempre fez tudo o que pode para educar seus filhos da melhor maneira possível. Chegou até a trabalhar 12 horas na fábrica por dia, pois após sair da fábrica ainda pegava o emprego de faxineira. Mas naquela época Tito ainda estava a seu lado. Ele trabalhava numa oficina, mas "trabalhador" nunca foi de suas melhores qualidades. Vivia pulando de um trabalho para outro, assim como de um bar para outro. É, ele adorava beber, mas isto não incomodava muito a Zélia, que se sentia feliz por ter ele ao seu lado.

Seus sete filhos trabalham desde pequenos, apenas Carlos estudou e agora trabalha num banco e ganha razoavelmente, ajudando muito a família, principalmente quando sua mãe ficou grávida pela 8ª vez.

Não só ele, mas os filhos todos deram duro para ajudar a mãe e o novo irmãozinho que estava para nascer. Tentando não deixar faltar comida dentro da casa nem para eles e principalmente para Zélia.

Quanto ao médico, Zélia tinha de ficar horas na fila do INPS para ser atendida, isto quando era.

Mas, enfim para ela também chegou o grande dia. Nada de hospitais modernos, médicos e enfermeiras, ela teve seu Zé Maria na casa da comadre Dina, que era a mais experiente de toda a favela neste negócio de Parto. Então nasceu Zé Maria 2 kilos e 300 gramas e muito sadio. Também ele era uma criança normal, de cabelos morenos e olhos verdes. Nasceu para a vida e deverá estar pronto para o que der e vier.

No barraco estão todos muito felizes, este é o 8º irmão, e no rosto de todos se vê a alegria e a preocupação, mas acima de tudo a esperança de um novo começo, talvez melhor que o deles.

METODOLOGIA

- Dividir a kvutzá em dois grupos. Fazer com que um grupo imagine e crie a extória de Cláudio até os 10 anos e o outro grupo com Zé Maria.
 - Depois disto, começar a lançar perguntas para que todas a kvutzá responda, tentando a causar discussão e fazer um paralelo entre a vida de Cláudio e a de Zé Maria.
 - Do que é que cada uma das crianças gostava de brincar?
 - Qual era a maior vontade de cada um? (Se aparecesse um gênio, que pedidos fariam)?
 - Qual era a maior preocupação de cada um?
 - Qual era a coisa que ele menos gostava?
- etc...

DADOS ANEXOS AO MADRICH

Menor abandonado no Brasil - dados de 1979

A população brasileira é uma das mais jovens do mundo. Na faixa etária de 0 a 9 anos é de cerca de 27 milhões; de 10 a 19 anos é de 22 milhões; Somente estes dois grupos somam mais de 50 por cento da população do país. Contamos também com um índice alarmante de menores carentes, 25 milhões, dos quais praticamente a metade pode ser considerada abandonada.

Das 22.264.828 crianças brasileiras em idade pré-escolar, isto é, de 0 a 6 anos, apenas 2 por cento são beneficiadas com a instrução, frequentando escolas públicas ou privadas. Este contingente de crianças, diz o presidente da Cebep - Centro Brasileiro de Educação Pré-escolar - apenas 4452955 recebem assistência de saúde e nutrição, através de entidades públicas ou particulares. Por outro lado, o fato mais agravante é o que constatamos que das 17.811.863 restantes, 12.463.304 são subnutridas ou desnutridas. Todos estes problemas, na opinião do presidente da Cebep são gerados por uma falta de uma legislação especial, que culmina com a ausência de um amparo legal e conseqüente insuficiência de

verbas para o setor. Enfatizou ainda que muito dinheiro tem sido gasto na recuperação de alunos que não frequentam pré-escola e, conseqüentemente, não tiveram oportunidades, condições e matérias para estruturação de sua inteligência motriz, para a formação de bons hábitos e sadia personalidade.

CAUSAS

As causas principais que contribuem para tão extenso problema podem ser analisadas de origens remota e recente:

Como causas remotas podemos citar:

- 1) O subdesenvolvimento: de origem histórica, decorrente da extensão continental de nosso território.
- 2) A pobreza: oriunda do próprio subdesenvolvimento, tem sido a causa eficiente da marginalização.
- 3) O êxodo rural: motivo pela desilusão dos preços agrícolas, variações climáticas e meteorológicas e etc.
- 4) Analfabetismo;
- 5) Deficiências médico-sanitárias; trazendo conseqüências graves, principalmente aos menores.
- 6) Migrações internas: principalmente no sentido Norte-Sul do país.
- 7) Desagregação familiar: pela rejeição e deserção de seus membros.
- 8) Nutrição e Saúde: que devem ser buscados pela melhoria dos padrões rurais e agrícolas, aplicada a criança antes de nascer e nos primeiros anos de vida.

Como causas recentes, podemos citar:

- 1) Incremento vertiginoso: do grau de industrialização e urbanização do país.
- 2) Desqualificação da mão-de-obra: que não acompanha o desenvolvimento tecnológico gerando desemprego, subemprego e mendicância.
- 3) Acentuado crescimento demográfico: por falta de planejamento familiar.

- 4) Má distribuição de renda: com concentração da riqueza nas mãos de reduzida parte da população.
- 5) Falta de profissionalização: tão necessária para faixa etária a partir de 12 anos, propiciando capacidade de exercício em empregos diversificados e condizentes à natureza humana

Quanto às causas da criminalidade juvenil:

- 1) A deformação moral produzida pelos veículos de comunicação em massa, que abusam da exploração do sexo e da violência.
- 2) O reduzido tempo de permanência na escola
- 3) O estado de pobreza, que estimula os instintos de violência e revolta no menor; a despeito de suas necessidades básicas.
- 4) Deficiência mental: os fatores endógenos, que apelam para a carga de hereditariedade.
- 5) Promiscuidade habitacional.
- 6) Falta de afetividade, abandono, desintegração familiar e a rejeição, assim como também a falta de um planejamento familiar.
- 7) Exploração do menor, principalmente pelos pais.
- 8) Desocupação inconveniente.
- 9) A idade: entre 13 e 14 anos é o período da puberdade, desejo de independência, impulsos sexuais e etc...
- 10) Busca de afirmação através da toxicomania.
- 11) A rua

FUNABEM

A Fundação Nacional de Bem-estar do Menor é a entidade que tem competência de promover a execução, em todo o país, da política nacional de bem estar do menor, mediante o estudo do problema e planejamento de soluções, bem como coordenação, orientação e fiscalização das entidades que executam a sua política. Ela sucedeu o antigo SAM- Serviço de Assis

tência ao menor, famoso como escola do crime, pelas inúmeras falhas que cometeu, pois ao invés de integrar o menor marginal, contribuía para a sua marginalização, pela orientação mal realizada.

No entanto, depois de todos esses anos, poucas mudanças práticas têm sido realizadas para atender os 25 milhões de menores carentes do país. Disse um jornalista "se o juiz examinasse detidamente as instituições de recolhimento de menores mantidas pela FUNABEM, teria que fechar 95 por cento delas". Persistem as tentativas para a solução do problema, mas pela abrangência, tem sido difícil conseguí-lo, principalmente porque elas ficam a um nível muito mais teórico que real.

Obs: Pela complexidade do problema, não existem soluções práticas que funcionem a um nível significativo, tanto em quantidade como em qualidade.

Existem umas poucas instituições que realizam este trabalho de uma maneira eficaz, mas o problema é que o percentual atingido é mínimo.

Exemplos destas instituições são creches, lares para abandonados, orfanatos, etc... que vivem de doações e boa-vontade de pessoas que se preocupam com o caso.

2º peolá CRIANÇAS NO GUETO DE VARSÓVIA

Durante a época nazista todos os judeus da Polônia foram reunidos na cidade de Varsóvia. Os alemães prepararam um bairro especial, e dentro dele os judeus foram praticamente que empilhados. Numa área aonde caberiam apenas alguns milhares, foram agrupados mais de um milhão de judeus. O gueto havia sido cercado por muros altíssimos e os vigias não deixavam ninguém entrar ou sair. O Gueto de Varsóvia viu morrer gente aos milhares. Milhares de pessoas morriam de fome ou de frio, ou mesmo assassinadas friamente pelos alemães da terrível SS.

Dov tinha apenas onze anos. Seu pai, Mendel Landau, havia morrido lutando contra os alemães, do lado do exército polonês. Seu irmão mais velho, Mundek de 19 anos, era um chefe militar de um grupo de trabalhadores sionistas, os Redentores. Quando Mundek não pode mais trabalhar na sua padaria, Dov deixou a escola para ir roubar comida. Ele aprendeu as estratégias necessários para poder sobreviver num gueto. Movia-se, escutava e agia como um animal manhoso.

Uma das principais tarefas de Mundek como chefe dos redentores era manter-se em contacto com o exterior. Conseguiu arranjar uma maneira de entrar e sair do gueto secretamente pelos canos de esgoto. Era perigoso ir ao lado cristão de Varsóvia, porque os grupos de polacos estavam constantemente a espera de judeus fugidos para roubar ou denunciar para os alemães e receber o dinheiro da recompensa. Os Redentores já tinham pedidos cinco membros, apanhados fora do muro. Então Mundek propôs que Dov desempenhasse o cargo de correio, utilizando os canos de esgoto. O seu cabelo louro e seus olhos azuis faziam que fosse de todos o que menos parecia ser judeu e também seria o menos suspeito devido a sua idade. Dov deu provas de ser um ótimo correio do gueto. Arranjou vários caminhos secretos que usava alternadamente e familiarizou-se com as águas fétidas, lamacentas e pútridas que corriam por baixo de Varsóvia.

Dov fazia todas as semanas aquela viagem às escuras, através da inundice que lhe chegava aos ombros. Uma vez na cidade, dirigia-se para uma casa na rua Zabrowoca, no nº 99, onde vivia uma mulher que ele apenas conhecia por Vanda. Depois de comer uma refeição, voltava ao esgoto levando consigo pistolas, munições, dinheiro, peças de rádio e notícias de outros guetos e companheiros de luta.

Nos outros dias, Dov ficava no quartel general dos Redentores. Tinha uma habilidade notável para copiar e imitar, e sua tarefa era falsificar autorizações para viajar e passaportes. Tinha vista apurada e mão firme, e com 12 anos tornou-se o melhor falsificador dos Redentores.

Um dia, no começo de setembro, Dov fez uma viagem particularmente perigosa a Varsóvia. Ao sair da casa de Vanda foi reconhecido por quatro placôs que o perseguiram até um beco sem saída e exigiram que lhes mostrasse documentos provando que não era judeu. Dov estava de costas para

a parede, e os seus perseguidores cercavam-no para lhe despirem as calças e verem se era circuncisado, maneira segura de identificar um judeu. Quando se preparavam para se lançar sobre ele, Dov tirou a pistola que ia levar para o gueto e com ela matou um dos assaltantes e afugentou os outros; Dov escapuliu depressa e logo se viu a salvo na escuridão dos esgotos.

Um dia chegou uma notícia impressionante no Guetto. Os judeus estavam sendo levados para campos de concentração, donde eram exterminados em massa nas câmaras de gás. Os habitantes do Guetto escondiam-se em abrigos subterrâneos, para fugir das buscas dos alemães. A percentagem de mortes tornou-se alarmante. Dos quinhentos mil pessoas que originariamente tinham sido mandadas para o Guetto, apenas existiam cinquenta mil na aquele inverno de 1943. Os judeus pareciam que iam passar um Passach muito triste naquele ano no Guetto de Varsóvia.

Um dia, antes de Dov descer para os esgotos, Mundek chamou-o a parte:

-Dov, decidi que esta será a sua última viagem. Agora voce fica fora do Guetto.

Dov não compreendeu sabia que os Redentores precisavam dele.

-Tens aí dinheiro e documentos. Fique com Vanda até ela encontrar uma família cristã com quem possa viver.

-Não vou. Não me importa os sofrimentos e desgraças que terei que enfrentar. Quero ficar e lutar ao seu lado!

-Dov, disse Mundek, por favor não me negue o que lhe peço. Não lhe temos dado muito, deixe que tentemos lhe dar a vida.

-Mundek, nada disto tem importância, contanto que eu esteja com voces.

-Por favor compreenda. Um dos membros da família Landau tem que sobreviver. Quero que voce viva por nós todos.

Dov olhou para o irmão que ele adorava. Os olhos de Mundek imploravam.

-Compreendo, balbuciou Dov, eu viverei.

-Encontrarnos-emos em Eretz Israel.

-Sim na Terra de Israel.

-Vocs foi um bom soldado, Dov. Orgulho-me de voce. Shalom, l'hitraot.

-Shalom, l'hitraot.

Dov tinha então 13 anos.

Três dias depois os alemães invadiram o Guetto de Varsóvia. Era Pessach. Cada casa, cada porta, cada degrau era defendido. Os alemães estavam furiosos. No começo haviam sido rechaçados. Armavam-se até os dentes, invadiam o guetto aos milhares, com tanques e lança chamas, e eram repellidos por bombas caseiras, e pela coragem dos judeus que se recusavam a serem capturados vivos. Mas, pouco a pouco, os resultados dos

ataques dos alemães, começaram a fazer-se sentir. Os judeus não podiam substituir os soldados caídos e as munições perdidas. Mas ainda assim resistiam. Os edifícios estavam em chamas. As ruas estavam cheias de cadáveres. Entre os Redentores, só restavam trinta pessoas, dez pistólas e seis espingardas. Entre elas, Mundek. Estavam todos reunidos num subterrâneo, quando ouviu-se uma pancada em código na porta. Era Dov, que voltava. Tinha chegado à conclusão de que era um privilégio poder morrer com dignidade com seus companheiros, e tinha vindo tomar parte no último combate.

Os alemães abriam as rampas dos canos de esgoto e enchiam-nos de gás venenoso, e logo as águas lamacentas se encheram de cadáveres. Apesar de tudo, os membros dos Redentores e outros judeus continuavam a lutar. O Guetto resistiu 42 dias desde o primeiro ataque dos alemães. O Guetto estava arrasado, mas milhares de alemães haviam morrido e a luta fora heróica.

Mundek havia sido morto em combate, morreu como um herói. Mas mesmo após o massacre metódico feito pelos alemães, havia combatentes dos Redentores que se recusavam a morrer. A batalha continuava entre os escombros.

Dov encontrou mais seis judeus e com eles percorreu vários depósitos a procura de mais armas e munição. Durante cinco longos e pungentes meses nem Dov Landau nem qualquer um de seus companheiros viu a luz do dia. Permaneceram o tempo todo escondidos nos esgotos. Um a um foram morrendo todos. Tres foram mortos numa saída para a cidade de Varsóvia, dois suicidaram-se, outro morreu de fome. Só Dov sobreviveu, como tinha prometido a seu irmão.

No fim do quinto mês, Dov foi encontrado, quase morto, não parecia sequer um ser humano. Dov Landau, de 13 anos, rato dos esgotos e dos escombros, perito em falsificações continuava vivo.

Mas as aventuras de Dov não terminaram aí. Ele só descansou no dia em que chegou em Israel. E não foi fácil. Dov conseguiu chegar em Israel como imigrante ilegal (maapil) no navio Exodus.

Varsóvia viva, como dantes. Tem novas ruas, novos prédios, novas praças. As praças têm novos nomes. Os tapetes não mais separam as ilusões de posse, apenas protegem parques e jardins. As crianças brincam em todo lugar. A Polônia tem o maior índice de natalidade da Europa, um dos maiores do mundo. É preciso recuperar o tempo perdido, tempo de morte. As crianças brincam, crescem, renovam. Não são crianças judias. EM VARSÓVIA NÃO HÁ CRIANÇAS JUDIAS.

Metodologia

- expôr o conto até o 2º parágrafo, onde o chanich é posto no clima de Dov. A partir disto, discutir e questionar a vida de Dov, como ele se sentia, seus medos, suas vontades. - Pensar no que Dov poderia fazer, vivendo em um gueto.
- madrich contar fatos do que acontecia no gueto.
- contar que certas crianças tinham cargos importantes nos guetos e como exemplo, terminar de contar o conto.
- Questionar a atitude de Dov. E, colocando cada chanich no lugar de Dov, discutir se cada um faria o mesmo ou não.

Dados anexos ao madrich

GUETO DE VARSÓVIA ATÉ O LEVANTE

Varsóvia, capital da Polônia, nas margens do rio Vistula, com a sua cultura e tradição era habitada, até a guerra por 1.180.000 pessoas. Destas, 354.000 eram judias.

A exemplo de todas as cidades da Polônia central a população judia, em sua maioria, era constituída de operários e pequenos comerciantes.

Com a queda de Varsóvia, a situação dos judeus ficou idêntica a que existia em todos os lugares conquistados pela Wehrmacht: Os judeus eram caçados, surrados, fuzilados; os religiosos desrespeitados, barbas arrancadas e queimadas. Em 16 de outubro foi oficialmente decretada pelo governo do distrito de Varsóvia, a criação do gueto. No fim do mesmo mês os alemães mandaram construir um muro de 3 metros de altura com cacos de vidro no topo, cercando todo um bairro. A maioria de seus habitantes era constituída por judeus.

Os 80.000 poloneses que lá moravam receberam ordens para se mudarem em duas semanas.

Em 10 de novembro de 1940, o gueto foi fechado e Varsóvia amanheceu forrada de cartazes, por determinação de Fischer, nos quais havia uma advertência: pena de morte para os judeus que deixassem o Gueto e também para os poloneses que dessem abrigo a um judeu.

Nesse gueto a escassez de espaço era muito pior do que em outros. Numo área pequena foram encerrados 500.000 judeus. A alimentação reduzida para 600 calorias diárias - por pessoa. Muitos não tinham dinheiro para comprar rações. As pessoas sucumbiam em massa.

Não havia tempo para os enterros. Os mortos eram deixados na sarjeta e recolhidos pelos "funcionários" fúnebres e transportados em carrinho de mão.

Em 22 de julho foi instalado em perto de Varsóvia, o campo de extermínio- TREBLINKA - Seu comandante era Stangel (extraditado após a guerra, do Brasil para A Alemanha, onde foi julgado e condenado à prisão perpétua).

Assim diariamente, um trem entrava nos desvios de Treblinka vindo de Varsóvia e descarregava a sua carga humana.

No Gueto de Varsóvia começaram a circular rumores sobre a "fábrica da morte". Os judeus já não acreditavam que os transportes estavam sendo feitos para provocar a Ucrânia e para trabalhar na agricultura - segundo o que diziam os alemães.

Surgiram os líderes. Os judeus começaram a recusar-se a se apresentar para o "transporte", não queriam ficar inertes e seguir para o sacrifício sem reação.

gou rigoroso. No primeiro ano, morreram mais de 20 mil pessoas de fome, frio e tifo. As áreas destinadas para moradia eram reduzidas ao mínimo. Num só quarto "viviam" várias famílias, em promiscuidade e sem higiene alguma. Agravando a situação, diariamente, chegavam judeus de cidades vizinhas, da Alemanha, da Áustria e da Tchecoslováquia.

Passaram pelo Gueto mais de 500 mil pessoas. Quando ele foi liquidado, em agosto de 1944, sobraram 80 mil que foram encaninhadas a Auschwitz, para morrerem nas câmaras de gás, excluindo-se os elementos aptos para trabalhos forçados.

Em 1941 os alemães instalaram no Gueto fábricas de uniformes, botas, mochilas, etc., nas quais trabalhavam para a Wehrmacht, recebendo em troca rações que mal davam para matar a fome. Os que não podiam trabalhar ou os que não trabalhavam por causa da fraqueza física ou doença, eram transportados aos campos de extermínio em Chelmo.

No Gueto usava-se dinheiro especial. Chaim Runkowski, incumbido pelos alemães de ser o Judenältester - Líder da Comunidade - dirigia a administração e a polícia judaica do Gueto, formada por elementos de caráter duvidoso.

A memória de Chaim Runkowski e de sua administração representam para sempre um marco de indignidade que os judeus foram obrigados a suportar.

GUETO DE VARSÓVIA ATÉ O LEVANTE

Varsóvia, Capital da Polônia, nas margens do rio Vístula, com a sua cultura e tradição era habitada, até a guerra, por 1.180.000 pessoas. Destas, 354.000 eram judias.

A exemplo de todas as cidades da Polônia Central a população judia, em sua maioria, era constituída de operários e pequenos comerciantes. Durante a Blitz, Varsóvia e a fortaleza de Modlin foram as últimas a se renderem aos alemães, após 21 dias de cerco. Nesses 21 dias, os poloneses e os judeus lutaram ombro a ombro, heroicamente, contra o agressor, embora o governo polonês, dias antes, tivesse fugido para a Romênia, deixando o povo só...

Com a queda de Varsóvia, a situação dos judeus ficou idêntica à que existia em todos os lugares conquistados pela Wehrmacht: Os judeus eram caçados, surrados, fuzilados; os religiosos desrespeitados, barbas arrancadas e queimadas. A

A repetição dos atos de barbárie, também nesta cidade.

Em 30 de novembro de 1939, 53 judeus foram fuzilados, em represália a supostos tiros contra um policial polonês. Em seguida, aplicada pesada multa à coletividade.

Em 16 de outubro foi oficialmente decretada pelo governador do Distrito de Varsóvia dr. Ludwig Fischer, a criação do Gueto. No fim do mesmo mês os alemães mandaram construir um muro de 3 metros de altura com cacos de vidro no topo, cercando todo um bairro. A maioria de seus habitantes era constituída por judeus.

Os 80.000 poloneses que lá moravam receberam ordens para se mudarem em duas semanas.

Em 10 de novembro de 1940, o Gueto foi fechado e Varsóvia amanheceu forrada de cartazes, por determinação de Fischer, nos quais havia uma advertência: pena de morte para os judeus que deixassem o Gueto e também para os poloneses que dessem abrigo a um judeu.

Nesse Gueto a escassez de espaço era muito pior do que em Lodz. Numa área igual foram encerrados 500.000 judeus. (A administração foi instalada nos mesmos moldes.) A alimentação reduzida para 600 calorias diárias por pessoa. Muitos não tinham dinheiro para comprar rações. As pessoas sucumbiam em massa.

Não havia tempo para os enterros. Os mortos eram deixados na sarjeta e recolhidos pelos "funcionários" fúnebres e transportados em carrinhos de mão.

A fome e o tifo facilitavam à morte fazer a sua coleta.

Em 22 de julho de 1942 foi instalado, perto de Varsóvia, o campo de extermínio - TREBLINKA - Seu comandante era Stangel (extraditado após a guerra, do Brasil para a Alemanha, onde foi julgado e condenado à prisão perpétua.)

No dia seguinte chegava o primeiro transporte de Varsóvia. As três câmaras de gás existentes entraram em funcionamento...

Assim, diariamente, um trem entrava nos desvios de Treblinka e descarregava a sua carga humana.

No Gueto de Varsóvia começaram a circular rumores sobre a "fábrica da morte". Os judeus já não acreditavam que os transportes estavam sendo feitos para povoar a Ucrânia e

3ª PEULÁ

ÁFRICA DO SUL

Londres, 23/02/84

John Huxley e Marvin Garteram prósperos industriais, donos da maior fábrica de pneus da Inglaterra, a Huxley-Gart Pneus Corporation. Conheceram-se em Londres quando tinham apenas 5 anos de idade, pois eram vizinhos e moravam no bairro simples de Nothanville, à quinze minutos de bonde do centro de Londres. Estudaram na mesma escola toda a vida, fizeram faculda de juntos e sempre foram um o melhor amigo do outro, tanto que sempre eram chamados de irmãos pelos amigos da faculdade do colégio ou da vizinhança. No último ano da faculdade de medicina desistiram de estudar, e resolveram montar uma oficina de carros, perto do bairro onde moravam. A oficina foi crescendo rapidamente e os dois fizeram uma pequena fortuna, que foi investida numa loja de pneus de carros, coisa que os dois entendiam muito, pela prática de anos na oficina. A loja cresceu assustadoramente e daí para a fábrica de Pneus foi um pulo só. /

John e Marvin tinham então 32 anos, eram casados e felizes.

John era casado com Mary Keller, uma loira de olhos azuis, natural de Londres, onde sua família morava há 4 gerações. Eles tinham um filho de 8 anos, chamado Mike.

Marvin também era casado, com Julia Tamby, uma linda morena que nascera nos EUA e aos 10 anos se mudara com a família para Londres, por motivo de trabalho, já que seu pai era diplomata. Eles tinham um filho da mesma idade de Mike, chamado Tom. Ambas as famílias moravam numa grande casa com enorme área verde, nos arredores de Londres. Assim como seus pais, Tom e Mike foram criados juntos, desde que nasceram e um era o ídolo do outro. Realmente, foram inseparáveis. Se queriam achar Mike, bastava procurar Tom e vice-versa. O futuro dos dois inglesinhos era previsível; seriam tão ou mais unidos que seus pais, até o fim da vida.

A fábrica de Pneus já se tornara a maior da Inglaterra e era mundialmente conhecida. Mas o mercado inglês e europeu se tornou pequeno demais para consumir a grande quantidade de Pneus que a fábrica produzia diariamente.

Então John e Marvin após vários dias e noites discutindo sobre o problema, chegaram a conclusão que deveriam abrir uma filial da fábrica em outro país que não tivesse o mercado tão saturado, que a competição no ramo de Pneus não fosse tão grande e que usasse o mesmo idioma deles, que facilitaria muito os negócios e a própria vida de suas famílias, que teriam que ir junto com eles, pois não sabiam quanto tempo necessitariam ficar trabalhando lá. Talvez o resto da vida. John e Marvin eram indispensáveis à direção da nova filial, pois ninguém da Huxley-Gart tinha tanta experiência como eles.

O país escolhido foi a África do Sul, antiga colônia inglesa, onde o inglês é amplamente difundido e o mercado de Pneus ainda estava praticamente inexplorado. /

John e Marvin se reuniram com suas famílias, explicaram a difícil situação, e apesar de recusas de suas esposas e filhos (já acostumados com a vida em Londres), conseguiram convencê-los de que isto seria melhor para eles e suas famílias.

3 meses depois, as duas famílias-irmãs e centenas de funcionários da Huxley-Gart Pneus Corporation, desembarcaram no aeroporto de Johannesburg, a cidade mais importante da África do Sul, com o objetivo de construir a mais importante filial da Huxley-Gart, da qual dependia amplamente o futuro das duas famílias proprietárias.

As duas famílias logo se instalaram em duas lindas casas, uma ao lado da outra, num rico bairro residencial. Os primeiros dias de aventura destas 2 famílias foram tranquilos, apesar de muito trabalho, pois John e Marvin passavam os dias inteiros montando a nova fábrica, e suas esposas, Mary e Julia estavam sempre ocupadas com as mudanças e decoração das novas casas.

Tom e Mike, sempre juntos, começaram a fazer novas amizades no bairro. Mike foi muito bem recebido pelos novos vizinhos, já Mom, que sempre fora mais comunicativo que Mike, não conseguia fazer amizades e várias vezes foi rejeitado e deixado de lado pelas outras crianças, não por vontade das crianças, mas sim por pressões dos pais, que proibiam seus filhos de se aproximar de Tom.

Sempre que havia um festa de aniversário

Sempre que havia uma festa de aniversário, jogo de futebol ou qualquer outra atividade do bairro, Mike era sempre convidado e Tom nunca. Até nos cinemas e ônibus Tom era barrado e Mike tinha sempre acesso. Tudo isto fez com que Tom e Mike se separassem cada vez mais, pois Mike estava sempre com novos amigos e Tom não saía mais de dentro de sua casa, único lugar onde não era discriminado.

A fábrica começou a prosperar, a crescer e um dia Tom e Mike, que pouco se falavam, resolveram acordar cedo para visitar a fábrica nova que ficava a poucos quarteirões da casa deles. Era um dia lindo e ensolarado e resolveram ir juntos, a pé, até a fábrica. Como não conversavam há muito tempo, foram batendo papo distraidamente. Tom contou a Mike que não estava se sentindo bem em Johannesburg e que sua amizade com Mike não chegava aos pés daquela amizade que tinham em Londres, quando nada era capaz de separá-los. Foram andando e conversando, e quando notaram estavam perdidos, sem saber a direção da fábrica ou a de casa; então Mike que sempre era bem aceito pelo povo, foi pedir informações para um senhor que passava perto deles. Quando Mike começou a falar, recebeu um impurrão do homem e caiu no chão. Tom socorreu Mike, espantado com o que tinha visto. Ele, Tom, já havia passado por isto várias vezes, mas com Mike, nunca ninguém o havia rejeitado.

Continuaram a caminhar, e agora quem sentia a horrível sensação de ser rejeitado era Mike, sendo que Tom era sempre bem recebido e só ele ouvia respostas da população do bairro.

Através de respostas dadas a Tom, descobriram qual ônibus os levaria de volta a suas casas. Mas não conseguiram voltar, pois a Mike não era permitido entrar naquele ônibus. A pé também não poderiam voltar, pois Mike tinha medo de ser atacado em alguma rua escura e sem trânsito. Os dois já estavam chorando, desesperados, pois já era noite e eles não tinham como voltar para casa.

Tom poderia pegar um ônibus, mas nunca deixaria seu amigo, quase seu irmão nos tempos de Londres, ficar sozinho. Eis que coincidentemente John e Marvin estão voltando de carro, de mais um dia de trabalho na fábrica e avistam os filhos numa calçada chorando.

Marvin saiu correndo, botou os dois rapidamente dentro do carro e foram para casa. Chegando em casa, as 2 famílias se reuniram e analisaram tudo o que havia acontecido com eles desde que se mudaram para a África do Sul. Chegaram a conclusão de que não podiam mais viver juntos naquele bairro e naquele país, e como não queriam se separar, pois juntos viviam felizes e sem problemas na Inglaterra, resolveram vender a fábrica e voltaram para Inglaterra, por mais dificuldades que isto trouxesse a Huxley-Gart Pneus Corporation. Mas apesar das dificuldades, John e Marvin se sentiam recompensados, quando voltavam para suas casas em Londres e viam Tom, Mike e todos os outros vizinhos brincando e vivendo juntos, como se fossem todos iguais, todos livres, enfim, sem discriminação.

METODOLOGIA:

— Contar a estória e pedir para os crianças prestarem bastante atenção em todos os detalhes.

- Perguntar a cada criança o que entendeu do conto. Qual a diferença entre Tom e Mike?

- Por que Tom era rejeitado no bairro rico onde moravam em Johannesburgo?

Por que Mike foi rejeitado no bairro onde se perderam?

- O que você achou da atitude de Tom de não ter pego o ônibus(SE ISTO o salvaria) perante Mike?

- Dar dados sobre o Apartheid.

- Qual a diferença de uma criança que vive em Londres e outra que vive em Johannesburgo?

DADOS ANEXOS AO MADRICH

APARTHEID

Apartheid é uma palavra afrikaans- idioma desenvolvido do holandês do séc. XVII na África do Sul - que literalmente - significa estado de separação. É o nome dado pelo Governo da África do Sul à sua política relacionada com as várias - comunidades raciais. Dito governo tem mantido, durante anos que o objetivo de sua política de "apartheid" é "o progresso das nações que atualmente estão baixo seu cuidado, para a etapa em que possa, exercer por si mesmas a livre determinação plena, o que até então se lhes deve proporcionar todo o estímulo necessário para manter, de conformidade com - seus próprios desejos, sua identidade, cultura, e tradições separados.

A África do Sul também declarou que sua política não está baseada em nenhum conceito de superioridade ou inferioridade mas no fato de que os povos são diferentes, especialmente em suas associações coletivas, lealdades, culturas, atitudes, sistemas de vida e níveis de desenvolvimento.

É importante o madrich analisar a teoria do Apartheid que está dito acima e comparar com sua prática.

LEIS PRÁTICAS DO GOVERNO DA ÁFRICA DO SUL

- 1) APARTHEID é uma política de separação das raças segundo a qual 19 milhões de negros sul-africanos não são considerados cidadãos da África do Sul, como os 4,5 milhões de brancos do país. Seus direitos civis só são reconhecidos nos bantustans, as reservas tribais criadas para este fim, que representam 13% do território sul africano.
- 2) Há várias leis que proíbem os contatos raciais. Entre estas figuram a LEI DE PROIBIÇÃO DE CASAMENTOS MIXTOS, de 1949, que estabelece severas penas para matrimônios inter-raciais. AS LEIS DA IMORALIDADE, de 1950 e 1957, que declara que as relações sexuais entre membros de raças diferentes constituem infração à lei
- 3) A RESERVATION OF SEPARATE AMENITIES ACT, de 1953, reserva o uso de certos locais e veículos públicos para utilização exclusiva de pessoas pertencentes a uma certa raça determinada.

Existe segregação, por exemplo, no uso de praias, ônibus, cinemas para pretos e cinemas para brancos, refeitórios se parados.

4) Nenhum africano tem permissão para permanecer nas ruas, depois do escurecer, se não estiver munido de um passe, dado pelo seu empregador, ou pela polícia. Se for encontrado sem o passe, será preso e levado à cadeia.

5) Obrigatoriedade do uso de passaportes, sempre que os negros estiverem fora de seu bantustans.

6) Os negros têm direito de permanecer 72 horas nas cidades, depois deste limite, eles devem recolher-se aos povoados a eles reservados na periferia das grandes cidades. Mesmo que resida legalmente numa cidade, nenhum negro tem direito de ter consigo mulher, filhos, sobrinhos ou netos por período superior a 72 horas.

Atualmente, estas, como muitas outras leis têm sido suavizadas em decorrência, principalmente, das relações externas da África do Sul.

Devemos lembrar também que existem, mesmo dentro do país, posturas diferentes em relação ao Apartheid, tanto por parte dos negros, como por parte de brancos.

5ª PEULA

Excepcionais

Metodologia

↳ O madrich deve escolher um local calmo e grande, pois a pe lá começará com uma atividade física.

É um laboratório de teatro, visando movimentos de modos dife-
rentes, para que o chanich possa sentir como um problema fí-
sico pode limitá-lo e como se pode lutar contra isto e assim
sentir o problema do excepcional.

1) dizer para os chanichim chaminharem a vontade, e começar
a lançar modos de caminhar:

com o pé inteiro no chão, na ponta do pé, em câmara lenta, -
tocando no nariz dos outros chanichim, de costas, etc...

2) dizer para os chanichim escolherem uma ação para fazer, -
por exemplo, colher fruta da árvore, escovar os dentes, etc.
Fazer a ação normalmente, sem a mão esquerda, sem as duas
mãos, sem as pernas, sem o pé esquerdo, de olhos fechados, e
assim por diante.

3) Juntar os chanichim dois a dois e fazer com que um chanich
não enxergue e seja guiado por outro.

4) Sentar com a kvutzá e analisar o jogo. Perguntar o que o
chanich sentiu duranteo jogo.

Quando teve que fazer a ação sem algum membro, sem vários -
membros. Se foi possível fazer a ação, se foi fácil, se foi
difícil, ou impossível?!

Se eles usaram outras partes do corpo que não usavam normalm
mente.

5) Falar, a partir das crianças sobre crianças excepcionais.
Suas vidas, seus aparentes limites ou não. O MADRICH TEM QUE
MOSTRAR AO CHANICH QUE COMO ELES CONSEGUIRAM FAZER CERTAS A-
ÇÕES SEM OS MEMBROS, SUBSTINTUINDO-OS POR OUTROS. ASSIM? TAM-
BÉM O EXCEPCIONAL PODE VIVER E FAZER QUASE TUDO, ENFIM SER =
FELIZ.

Dando assim exemplos de casos reais- cegos pianistas, pin-
tores, pessoas sem mão tocando violão, pintando.

Também mostrando as coisas feitas especialmente para excep-
cionais em países desenvolvidos: olimpíadas, carros, rampas
em ruas, livros em código morse, escolas especiais...